

A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: ALGUMAS REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Belo Horizonte - MG - abril de 2010.

Sheilla Alessandra Brasileiro de Menezes

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas Virtual

E-mail: sheillabrasileiro@pucminas.br

**Categoria A – Estratégias e Políticas
Setor Educacional 3 - Educação Universitária
Natureza A– Relatório de Pesquisa
Classe 2 – Relato de experiência**

RESUMO

O presente artigo propõe a reflexão acerca da utilização da Educação a Distância (EAD) para a inclusão e a permanência de pessoas com deficiência e/ou por aquelas que dificilmente concluiriam um curso superior na modalidade presencial. As inúmeras barreiras podem ser minimizadas numa sociedade onde a informatização é, a cada dia, mais presente e que a educação on line, pode potencializar a interatividade e autonomia do aluno com ou sem deficiência. A análise é fruto da experiência. Ao estudar o perfil dos estudantes de um curso de graduação totalmente a distância, ofertado pela PUC Minas Virtual, percebe-se o quanto a universidade pode ser importante aliada na inserção dessas pessoas na sociedade de forma mais ampla. A maioria deles advém das camadas sociais desfavorecidas. Além disso, ainda que em número reduzido, destacam-se pessoas com deficiência (locomotora, cega ou surda) que tem encontrado na EAD uma possibilidade para a continuidade de seus estudos. Este trabalho pretende, portanto, servir de alerta para que os educadores e os formuladores de políticas educacionais repensem as possibilidades do uso da EAD e redirecionem seus objetivos de modo a garantir a inclusão efetiva dessas pessoas através do desenvolvimento de novas formas de ensinar e de aprender.

Palavras-chave: Inclusão. Ensino Superior. Educação a distância.

1 - INTRODUÇÃO

As rápidas mudanças sociais e culturais ocorridas nas últimas décadas, impulsionadas e amparadas também pela introdução das tecnologias da informação e da comunicação, têm ampliado em nossa sociedade as possibilidades de democratização e respeito à diversidade. As noções de tempo e espaço se modificaram e, em consequência, as condições de percepção dos sujeitos, o que nos leva a repensar a prática educacional, incluindo aí as práticas de Educação a distância.

Dentre as questões polêmicas que têm permanecido no debate educacional nos últimos anos, destacam-se as possibilidades da efetividade da *educação inclusiva no ensino superior* e a qualidade e a finalidade da *educação a distância*. O objetivo do presente trabalho é, portanto, identificar se a Educação a Distância tem contribuído para a inclusão efetiva de jovens e adultos trabalhadores ou com deficiência ao ensino superior.

Em relação à *Educação Inclusiva*, dados do CENSO (INEP, 2000) apontam que aproximadamente 14% da população do país possuem algum tipo de deficiência. Desses, 50% possuem até 3 anos de estudos e somente 18% possuem 12 ou mais anos de escolarização. Segundo o Censo da Educação Superior de 2007, dos 300 mil alunos da graduação a distância, apenas 137 são pessoas com deficiência. Além disso, mesmo que integradas, muitas pessoas com deficiência não são incluídas de fato em algumas Instituições de Ensino Superior (IES) e ainda é preciso vencer outro desafio: dar condições para que elas concluam o curso. Diante desse quadro, é fundamental uma política de acesso e permanência para estes alunos.

Quanto a *Educação a Distância*, percebe-se que não há um consenso variando as posições entre os que defendem propostas de cursos a distância, *via internet*, para a democratização do acesso a educação e a inclusão de jovens e adultos que não possuem acesso ao ensino superior, por questões de trabalho, territorialidade ou limitações físicas; ou que as extinguem, alegando que as IES que ofertam essa modalidade de ensino estão empenhadas na massificação da educação, ou seja, no crescimento do número de alunos ou de retorno no investimento, *ou ambos*, e se esquecem da qualidade a ser ofertada.

Entende-se que o foro desta indefinição é que a aprendizagem a distância no Brasil, hoje enfrenta uma época de contrastes conflituosos simultâneos de atos e fatos. No lado positivo, houve de 2004 a 2008 (ABREAD, 2008) um crescimento de 1.175% de universitários estudando a distância, chegando a ter cerca de um milhão de alunos, ou um sexto do total matriculado no ensino superior (o crescimento anual de número de alunos no presencial é de apenas 5%). Quase 300 instituições estão autorizadas, por diferentes níveis governamentais, para realizar cursos de graduação e pós-graduação (*lato sensu*); e é importante notar o sucesso do fator “extra-territorialidade” (45% das instituições autorizadas têm até 50% dos seus alunos residindo em estados que

não são o da sede, e 23% têm mais de 50% fora do estado sede). Embora há pouco tempo o Brasil tenha entrado no rol de países oferecendo educação superior a distância, é significativo o fato de que instituições de renome já estarem adiantadas no processo (como *Harvard*, *Oxford* e *Cambridge*). A potencial contribuição da EAD para o Brasil é incalculável: menos de 40% dos municípios do país têm uma instituição de ensino superior e 14% dos brasileiros têm algum tipo de deficiência, fatores que dificultam a participação desse público na educação presencial.

Ao estudar o perfil dos estudantes de um curso de graduação totalmente a distância, é possível perceber o quanto à universidade pode ser importante aliada na inserção dessas pessoas na sociedade, de forma mais ampla. A maioria dos estudantes que advém das camadas sociais desfavorecidas é preponderantemente acima de 25 anos, casado, com filhos, afro-descendente, contribui para o sustento da família, e tem pais com menor escolaridade em relação ao estudante de cursos presenciais. Ainda que em número reduzido, destacam-se pessoas com deficiência (*locomotora, cega ou surda*) que tem encontrado na EAD uma possibilidade para a continuidade de seus estudos.

2 - EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E INCLUSÃO

Vivemos num momento em que se torna cada vez mais necessária a capacidade de se comunicar e de relacionar informações diversas. Neste contexto, os estudos sobre educação a distância, que estavam, via de regra, concentrados em experiências de cursos por correspondência, de educação básica ou profissionalizantes, chegam agora ao desafio do ensino superior. É preciso, portanto, refletir sobre de que forma a EAD tem cumprido de fato o que é seu por concepção original, ou seja, praticar a democratização da educação.

Ao ingressar na PUC Minas como docente em 2003, e na PUC Minas Virtual, em 2006, foi possível identificar que jovens e adultos, de baixa renda, que buscavam a continuidade de seus estudos para manter-se no mercado de trabalho, era o público alvo dos cursos de graduação a distância. Considera-se, portanto, que a EAD é uma possível solução para atender à demanda reprimida de educação superior, chegando até os alunos nas regiões mais remotas do país, aos brasileiros que moram em qualquer parte do mundo (a *diáspora* brasileira), além daqueles com algum tipo de necessidade especial.

Outro dado importante é que o aluno que se desloca até um centro metropolitano para estudar presencialmente dificilmente volta para sua região de origem e acaba iniciando uma vida profissional na metrópole; mas o aluno que fica na sua região, utilizando a EAD para adquirir conhecimento e certificação, aplica seus novos conhecimentos na própria região, para a qual traz progresso.

Por tudo isso, busca-se respostas às questões: será que a EAD está vencendo o desafio de incluir trabalhadores no ensino superior e, além disso, oferecer condições para que conclua o curso? É possível propiciar a inclusão social através da inclusão acadêmica? A Educação a distância pode contribuir de fato para a democratização do acesso ao ensino superior, de qualidade, para as pessoas *com* deficiência, ou seja, a EAD como recurso educacional pode contribuir para uma educação efetivamente inclusiva?

A metodologia utilizada nessa pesquisa baseou-se na análise das interações ocorridas no ambiente *on line* (correios acadêmicos, fóruns de discussões e a adequação do próprio ambiente de aprendizagem); além da aplicação de questionários via internet e entrevistas.

Ao considerar que a Educação é um direito e que tanto é consequência para o exercício da cidadania como condição para uma plena participação na sociedade, esta discussão não é apenas importante, como também necessária.

Knobel (1998) revisita a prática de Paulo Freire para pensar as possibilidades de educação a distância, através da aprendizagem autônoma, que é coerente com a proposta de fazer uma escola de qualidade para uma cidadania crítica. Para Freire, educar com os elementos de seu tempo foi uma preocupação constante. Fundamentava o processo de ensino-aprendizagem através de ambientes interativos e do uso de recursos audiovisuais. Mais tarde, reforçou o uso de tecnologias para a educação, principalmente o vídeo, a televisão e a informática. Desta forma, as tecnologias e a educação podem estar unidas para a construção de uma consciência crítica e emancipatória de jovens e adultos que não teriam acesso ao ensino superior se não houvesse a possibilidade de estudar a distância. É evidente, porém, que como a educação, as tecnologias digitais podem ser voltadas para propostas de opressão ou de libertação: as duas em seus próprios direitos e em seus próprios papéis como tecnologias de aprendizagem. Segundo Knobel (1998), as pessoas que estão

interessadas na teoria e na prática libertadora nos tempos atuais não podem ignorar essa nova dimensão da mediação e do engajamento educacional.

3 - ALGUNS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA

Educação a distância é, antes de qualquer coisa, **educação**. Envolve também processos de ensino-aprendizagem planejados, que pressupõem a distância física e/ou temporal entre professores e alunos e entre alunos e seus colegas, que requer estratégias específicas de comunicação por meio de mídias variadas e estrutura organizacional e administrativa própria. Na IES referida, a EAD procura ser uma modalidade de ensino que pretende recorrer ao uso das tecnologias digitais como base de apoio para uma pedagogia calcada na construção de uma relação construtiva e dialógica entre os atores envolvidos. Dentre os vários desafios encontrados na literatura e no cotidiano da EAD, destacam-se quatro, aqui considerados os mais importantes, a saber:

3.1 - Desafio Cultural: Será que a educação a distância é reconhecida/ legitimada no interior da sociedade?

Para alguns autores (GIUSTA, 2003; PRETTO, 1996; LITTO, 2006; 2009; MOORE, 2007) a EAD já venceu esse desafio, uma vez que ela cresce exponencialmente. Na verdade, é o setor que mais cresce no ensino superior. Vejamos os dados da tabela abaixo:

ANO	2004	2005	2006	2007	Evolução no período em %
Instituições credenciadas	166	207	225	257	54,8
Alunos matriculados	309.957	504.204	778.458	972.826	213,8

TABELA 1 - Números de instituições credenciadas para EAD e de alunos nela matriculados
Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2008

Ainda de acordo com os dados da ABRAED, em 2008 o número de alunos nas instituições credenciadas para EAD chegou a 2.504.483. Os fatores que influenciaram nesse crescimento estão diretamente relacionados ao incentivo governamental, a criação da UAB (Universidade Aberta do Brasil), a iniciativa pioneira de algumas instituições de ensino superior e a popularização da internet como meio de comunicação. Na medida em que as pessoas se tornaram habilitadas para ter acesso à internet, passaram a acreditar que seria

possível fazer um curso a distância. Outro aspecto fundamental é a curva demográfica descendente, ou seja, a sociedade passou a ter consciência que a educação é para sempre e não mais para a juventude, o que ampliou as possibilidades da educação superior. Mesmo com esses dados, a EAD ainda sofre resistências e desconhecimento na sociedade, inclusive, no próprio interior da universidade.

3.2 Desafio da qualidade: Os cursos a distância têm qualidade?

A questão merece uma reformulação, qual seja: *Será que o ensino superior tem a mesma qualidade em todas as faculdades, universidades, campi?* No último resultado do INEP fica evidente que o ensino presencial é desigual. A EAD, por si só, também é desigual, tendo em vista o quesito qualidade. Ela pode ser adotada por uma IES comprometida, que quer propiciar uma educação de melhor qualidade aos seus alunos, como pode ser dada por uma IES que oferece um “serviço” em larga escala, com pouca qualidade, quase que fornecendo um diploma para o aluno. A prerrogativa da qualidade dos cursos de graduação, não é da educação a distância ou da educação presencial, mas da Instituição de Ensino Superior que os oferta. Abaixo o depoimento de duas de nossas alunas:

Olá, gostaria de agradecer a todos vocês por colocarem a disposição de todos uma graduação interativa, inteligente e completa. Pensei em participar do curso a distância e pegar meu diploma, porém descobri que eu estava felizmente enganada. Mergulhei em um processo de aprendizado de alto nível em que me interessei mais todos os dias e olha só: estou aprendendo muito. Não me canso de elogiar e mostrar esta êxtase. Parabéns a todos. *(Aluna 3 - graduação a distância).*

Hoje existe uma divisão entre ensino a distância e ensino presencial. Acredito que esta divisão será passageira e o que se tornará um diferencial num curso é a metodologia pedagógica. Indiferente do meio utilizado, o diferencial será a capacidade de envolver o aluno e gerar conhecimento. O ensino a distância requer um comportamento diferente do aluno presencial. Ele passa a ser sujeito. Para que isso aconteça os alunos precisam agir de maneira madura e responsável. Este perfil de aluno é encontrado em pessoas com idades acima de 25 anos, como a maioria de nós. Sendo assim, a EAD atenderá a demanda de profissionais que estão no mercado e sem possibilidade de frequentar um curso presencial e também com idade e maturidade capaz de levá-lo a estudar, dedicar e “caminhar” com mais autonomia. *(Aluna 22 - graduação a distância).*

Diante desses e de outros depoimentos, torna-se evidente que uma Universidade pode estimular os seus professores e estudantes a um processo de ensino aprendizagem de qualidade, independente da modalidade de ensino.

3.3 - Desafio da democratização do ensino superior.

O principal foco do presente trabalho é pensar nas possibilidades da inclusão das pessoas com deficiências e daquelas socialmente excluídas, *ou incluídas de forma subalterna*, no ensino superior. De acordo com Campos:

A educação a distância apresenta várias vantagens relacionadas à abertura, flexibilidade, eficácia, formação permanente e personalizada, e à economia de recursos financeiros... atende a uma população numerosa... oferecendo oportunidades de formação adequadas às exigências atuais daqueles que não puderam iniciar ou concluir sua formação anteriormente. (CAMPOS, 2003).

Será que a EAD está vencendo o desafio de incluir aqueles que querem ingressar no ensino superior? Numa tentativa de buscar dados concretos para discutir o desafio da inclusão, nos baseamos em dois parâmetros: o perfil do público da EAD e a capacidade de contribuir para a permanência de alunos com deficiência e/ou aqueles que recebem bolsas para se manterem na universidade.

Critério	EAD	Presencial
Alunos casados	52%	19%
Alunos com dois ou mais filhos	44%	11%
Cor da pele branca	49%	68%
Renda familiar de até 3 salários mínimos	43%	26%
Renda familiar acima de 10 salários mínimos	13%	25%
Trabalha e ajuda a sustentar a família	39%	19%
É a principal renda da família	23%	7%
Pai com ensino médio ou superior	18%	51%
Mãe com ensino médio ou superior	24%	54%

TABELA 2 - Perfil sócio econômico: alunos EAD x Alunos Presenciais
Fonte: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2008

Esses dados são reforçados pelo perfil de aluno dos cursos de graduação a distância da PUC Minas Virtual:

- ✓ 87% de alunos com idade acima de 26 anos;
- ✓ 17% dos pais e 9% das mães têm curso superior completo;
- ✓ 35% têm renda entre 2 e 5 salários mínimos (SM) e 11% de 10 a 15 SM.
- ✓ 51% são casados e 48% são os responsáveis pelo sustento da família.
- ✓ Há uma grande dispersão geográfica de alunos, sendo 138 municípios atendidos e a maioria desses municípios não possuem nenhuma IES.

- ✓ 23% dos alunos são bolsistas e continuam no curso.

Para ilustrar esse perfil, seguem os depoimentos:

Caro professor foi um grande prazer participar dessa disciplina, e confesso que não tinha familiaridade com a matéria. Vindo de uma família muito humilde, aprendi a buscar logo cedo o meu espaço. Hoje, na medida do possível, tento passar a minha experiência aqueles que estão buscando o seu espaço, o seu direito e o mais importante, ser ouvido. Confesso a minha satisfação em ter a oportunidade de discutir uma matéria tão presente na nossa sociedade, e fiz com tanto prazer que passava aos meus colegas de serviço todas as nossas discussões. (Aluno 4-graduação a distância).

Para mim foi um pouco difícil porque na África nem sempre conseguimos conexão, ainda mais porque estou no interior de Angola. Também o fuso horário não ajuda muito (aqui são 4 horas a frente do Brasil) e, após 21h30, não temos energia elétrica aqui. Eu estou em uma área tão rústica, aqui há tanta falta de tudo, apesar das riquezas naturais do país... Apesar de toda a dificuldade e graças à tecnologia pude participar com vocês deste curso. E foi muito bom! Me sinto motivada [...]. (Aluna 2, brasileira, residente em Angola).

Sou técnico Contábil e nunca pensei que pudesse fazer um curso superior. Quando vi essa possibilidade de estudar a distância e com o preço um pouco mais barato, me animei. Eu trabalho o dia inteiro, ir a faculdade a gente perde muito tempo no trânsito, e pelo que vejo de alguns conhecidos nas aulas presenciais a noite os alunos não aprendem bem. Além disso, não sei se aguentaria a “meninada” falando na minha cabeça. Quando a gente trabalha com responsabilidade, precisa ficar atento às mudanças e com isto a faculdade é a melhor maneira de aprender mais, foi o que fiz e já estou no 5º p. (Aluno 6, - graduação a distância).

O principal motivo para me matricular em um curso a distância foi a inadequação de meu horário de trabalho com os cursos presenciais ofertados em BH. (Aluno 23 - graduação a distância).

Na IES, ora retratada, a EAD tem se baseado em duas funções:

Equalizadora: pessoas e grupos têm pontos de partida diferenciados, mas devem ter igualdade de oportunidades; Qualificadora: é a função essencial que propicia o direito aos alunos em traduzirem os seus potenciais. Nesta perspectiva, a educação deve ser o espaço onde as pessoas atribuem significado aos seus saberes.

3.4 – O DESAFIO DA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Embora a EAD tenha crescido nos últimos anos, ela ainda não atende plenamente aos mais de 24,5 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência. Os maiores beneficiados são as pessoas com baixa visão, que representam 38,68% da totalidade. Em seguida, aparecem os classificados como pessoas com deficiência física: paralisia física (29,19%), cegos (17,51%), deficiência auditiva - surdez parcial (7,29%), surdos (3,64%), deficiência mental

(2,18%), pessoas com múltipla deficiência (0,72%) e aquelas com transtornos de desenvolvimento (0,72%). A inserção dos chamados “estudantes especiais” é maior na região Sudeste do Brasil. Em seguida aparece a região Sul, Nordeste e Centro-Oeste. No Norte, de acordo com o Censo 2007, não há nenhum aluno com deficiência em cursos superiores a distância.

A facilidade do acesso às aulas, a ausência de locomoção contínua e as tecnologias digitais transformaram a EAD em alternativa para as pessoas com deficiência. Alguns depoimentos nos ajudam a compreender esse processo:

A tecnologia me trouxe de volta aos estudos. Sofri um acidente de carro e ao ver que não poderia mais andar, pensei até em desistir... Minha prima me falou do curso a distância e comecei a fazer. Estudo em minha casa e faço até trabalho em grupos pela internet. No mundo globalizado não há mais a necessidade de uma presença física para fazer cursos. A tecnologia já aproxima os universos internos e externos.(Aluna 5-graduação a distância–def. locomotora).

Prezada Coordenadora, gostaria de frisar que a PUC Minas Virtual está muito a frente que a maioria das instituições de ensino superior em termos de inclusão. A principal adaptação feita para que eu tivesse acesso total ao curso, foi no que tange à mentalidade e disponibilidade dos profissionais que trabalham na EAD da PUC, pois quando levanto qualquer tipo de problema de acessibilidade, todos se voltam imediatamente para tentar achar uma solução às minhas demandas e adaptar o que for necessário. Um exemplo desta preocupação dos profissionais do curso foi uma reunião agendada pela coordenação pedagógica, de sua própria iniciativa, a fim de levantar problemas e soluções para mim. Outro exemplo é a atitude da equipe de professores e tutores que vão percebendo minhas demandas e dando soluções. Não há formato pronto para um curso receber um PNE, mas sim com o dia a dia este formato vai sendo construído. Posso afirmar, por ser professor de ensino presencial e coordenador de EAD de outra IES, que a qualidade do curso da PUC Virtual é muito boa, e que minhas expectativas com o curso estão sendo plenamente atendidas. De fato estamos sendo incluídos. (Aluno 1 - cego).

Os motivos que me fizeram optar por esta modalidade foi a vantagem de poder administrar melhor as minhas atividades profissionais já que posso escolher os horários para me dedicar aos estudos. O material on line e impresso facilita muito os meus estudos. Optei pela PUC Virtual por ser, de fato, uma universidade inclusiva. (Aluno 6 surdo).

Em minha convivência com alunos com deficiências no curso superior PRESENCIAL, percebo muitíssimas dificuldades de acompanhamento de exercícios e cálculos. Por mais que se esforcem e são apoiados por intérpretes, o rendimento é baixo. No curso a distância, eles tem material todo disponibilizado e explicado, e podem estudar utilizando o tempo necessário para desenvolver as atividades, enviar correio para tirar dúvidas, enfim, é muito mais viável e possibilita a real aprendizagem para quem quer investir no curso. (Professor L).

Para mim tem sido gratificante ter dois casos de alunos, um cego e outro surdo. Não tenho muita experiência em lidar com alunos com deficiência, mas com apoio da coordenação e dos próprios alunos estou melhorando a minha prática e vendo que é possível contribuir para a aprendizagem deles a distância. As reuniões e palestras que

temos com o Núcleo de Apoio a Inclusão também contribuem para termos um olhar mais atento, tanto para os alunos com deficiência, como para aqueles com dificuldades na aprendizagem. (Tutora C).

É de vital importância que as instituições de EAD se conscientizem da necessidade de além de ensino de qualidade, oferecer também acessibilidade para cada tipo de deficiência.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos mitos em torno do tema, a EAD é uma realidade concreta. Cabe-nos perguntar se ela pode ser considerada uma estratégia de política inclusiva. Para nós, a EAD pode ser uma grande oportunidade para a educação das pessoas com deficiência, ao possibilitar a superação de barreiras de comunicação, linguagem oral, informação, barreiras dos centros urbanos, facilitando para esses sujeitos a acessibilidade. Por respeitar o ritmo de aprendizagem individual, a EAD pode estimular a autonomia, considerando a experiência e o conhecimento que cada um traz bem como as formas individuais de aprender. Nessa perspectiva, a EAD pode substituir o modelo biologicista de deficiência pelo paradigma social, que significa adaptar o sistema educacional às necessidades especiais de qualquer estudante. Pode também ser considerada como uma importante estratégia para o acesso e permanência trabalhadores, que pelas próprias condições de trabalho, não teriam condições de cursar uma graduação presencial.

Embora o presente trabalho tenha apresentado mais perguntas do que respostas no que se refere às aproximações entre educação a distância e inclusão, mostra que o acesso e a permanência no ensino superior tem sido vivenciado, como pode ser confirmado nas falas dos depoentes.

Considera-se ainda como um dado importante, que tais análises sejam apresentadas aos educadores e construtores das políticas públicas educacionais, a fim de garantir a democratização do ensino superior neste segmento, como uma das formas, dentre outras, de assegurar que o tempo vivido na escola institucionalizada não se torne uma segunda fase do “tempo perdido” (roubado/negado).

REFERÊNCIAS

[1] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. “Anuário brasileiro estatístico de educação aberta e a distância”. SP: ABED, 2008.

- [2] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. “Censo – EaD.Br”. São Paulo: ABED, 2009.
- [3] CAMPOS, F; SANTORO, F; BORGES, M. “Cooperação e aprendizagem *online*”. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- [4] GIUSTA, A S.; FRANCO, I M. “Educação a distância: uma articulação entre a teoria e a prática”. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.
- [5] INEP. “Censo da educação superior”. 2007. Disponível: <http://www.inep.gov.br>.
- [6] KNOBEL, M. Paulo Freire e a juventude digital em espaços marginais. In: [1] GADOTTI, Moacir; MCLAREN, Peter; LEONARD, Peter (Org.) “Paulo Freire: poder, desejo e memórias de libertação”. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p.175-189.
- [7] LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.). “Educação a distância”: o estado da arte. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- [8] LITTO, Frederic. O ensino a distância cada vez mais próximo. “Folha Dirigida”. Rio de Janeiro, 18 fev. 2006.
- [9] MOORE, Michael. “Educação a distância”: uma visão integrada. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- [10] PRETTO, Nelson. “Uma escola com/sem futuro”. São Paulo:Papirus, 1996.